

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Jek Sousa

Entrevistada: Karina Machado

São Paulo, 15 de Junho de 2025

Duração: 5 horas e 12 minutos

Local de realização: Ambiente virtual Google Meet, Salto e SBC, SP

ENTREVISTA COM KARINA MACHADO

Karina Machado: O meu nome é Karina Machado, tenho 27 anos. E nas redes sociais, o meu nickname, com uma artista é KMD, que é a abreviatura do meu nome completo.

Bom, se eu tenho artistas na família, eu não conheci muitos membros da minha família. Eu sei que meu pai, ele tentou desenhar quando ele tinha os seus 19 anos, eu tenho uma foto, inclusive dele, com uma A3, assim, bem grandona de um cowboy, assim, sabe, desenhado com arma e tudo, mas ele não seguiu com isso. Então, ali já teve um interesse, mas o único artista que eu posso dizer que desenhou tanto quanto eu e continua desenhando é a minha irmã, porque a gente começou a desenhar juntas, isso, inclusive, foi uma coisa muito importante para mim como desenvolvimento de artista, porque, de certa forma, a pessoa ali do lado fica, “olha, eu achei tal material, olha, eu vou desenhar isso, olha o que eu desenhei”. Isso é um incentivo para você também fazer em mostrar, ou até uma competição construtiva, sem essa toxicidade de você querer sempre melhorar também e mostrar para a pessoa. Então, a minha irmã, eu a considero um artista, apesar que é muito engraçado, porque ela não posta.

Jek Sousa: O que você definiria como arte?

Karina Machado: Eu acho que todo mundo consegue fazer arte, independente do nível, porque a arte é bem difícil de você dizer o que é arte, mas eu diria, se fosse escolher uma forma simples de falar, que é exteriorização. De sentimentos, né? Eu diria que todo mundo consegue fazer arte, mas nem todo mundo pode ser chamado de artista. Eu acho que exige sim um nível de estudo um nível artístico. Por aí vai. Eu me consideraria uma artista, a mim mesma falando, se eu tivesse mais projetos pessoais lançado e um nível maior de entendimento das coisas. Tem alguns assuntos que eu ainda estou estudando, e depois de publicados alguns desses projetos que eu citei assim, por cima, e melhorar um pouco essas habilidades, eu conseguiria me nomear assim, mas eu me considero ainda emergente, sabe?

Jek Sousa: Onde você nasceu?

Karina Machado: Eu nasci em Suzano, em São Paulo. Eu morei durante muito pouco tempo lá.

Aqui às vezes é difícil ver as coisas acontecerem. É muito pacato, muitas poucas opções de tudo um pouco de tudo. Inclusive no meu bairro não tem nenhum lugar pra comprar material artístico, então eu acho que isso afetou um pouco também.

Jek Sousa: Você acha que essa questão do material artístico tradicional, por ter essa escassez na cidade, a questão do digital, aflorou um pouco?

Karina Machado: Tanto na questão de não ter aqui por perto, quanto financeiro, né? Venhamos e convenhamos.

Jek Sousa: É mais caro neh?

Karina Machado: Sim, sim, você pode pegar esses materiais que você não acha aqui e encomendar pela internet. Só que o problema é que, né, sempre o frete às vezes mata e o próprio material também não é nada... Nada assim de artista é barato, sabe?

Não, vamos ser sinceros, ser artista é bem caro.

Jek Sousa: O que você tem a dizer a respeito de inteligência artificial e o impacto dela no seu ramo?

Karina Machado: A IA, ela é imparável, ela vai acontecer de um jeito ou do outro. O que eu acho desses problemas novos é que tem que ser regularizado.

Jek Sousa: Eu queria saber como foi a sua formação?

Karina Machado: Eu sou autodidata. Eu vejo que tem um lado muito errado de artistas se vangloriando por serem autodidatas e não tem nada incrível nisso.

Você só está se lascando mais. Quando você paga e você tem acesso a um professor, ele sabe todos os caminhos. Então, eles progridem em meses o que a gente fez em anos. Isso fora o fato de a gente ter ali que trabalhar, da gente ter que fazer um mil coisas e não ter o tempo de estudo que eu falei antes.

Jek Sousa: Como foi que você começou a estudar arte digital?

Karina Machado: Eu estava bem resistente ao novo, porque querendo ou não, é um grande passo sair do tradicional para o digital, porque o papel você está ali com ele na mão, você sente a textura do papel.

Jek Sousa: Você conseguia vender as artes que estavam em papel?

Karina Machado: Nunca. Nunca. Eu vou contar pra você como é que foi. A gente sempre pensa essa questão aí que você falou dos materiais. Eu não tinha os materiais aí no papel. Não tinha nem o papel certo pra tinta. Aquele sulfite dos mais vagabundos, sabe? Que nem aguentava tinta.

Aí eu fui e falei caramba, mas eu não tenho mesa digitalizadora. O que que eu vou fazer? Nem PC bom eu tenho. E entre aspas, hoje eu ainda não tenho. Então a mesa que eu tenho hoje eu não consigo usar. Aí então eu fiz o que eu sempre fiz. Eu trabalhei com o que eu tinha na mão, né? Porque se você for esperar cair do céu, você nunca vai começar. Então primeiro você começa e depois você melhora. Então o que eu tinha na mão era o meu celular. Então eu fui ali, vi o aplicativo que minha irmã tava usando. O aplicativo que você tá usando é o Ibi-Spainty? Pedi pra ela me ensinar umas quatro, cinco coisas básicas mesmo. E como é que abre aqui uma layer, né? Que é uma camada e como é que apaga? Onde fica tal coisa? Obrigado e fui me batendo. Então eu ali com o meu dedo, esse material aqui...

Nota: Neste momento ela mostra o dedo indicador para a câmera, apresentado o como o seu material de trabalho.

Karina Machado: Eu comecei a desenhar arte digital, inclusive foi com ele também que eu comecei a vender esses trabalhos, comecei a vender com esses trabalhos que eu fazia no celular.

Jek Sousa: E eu percebi, conversando com você, que você é muito boa na questão da venda. Pelo menos na questão da venda digital e conversar com os caras, você desenrola muito bem.

Como que... você... veio à arte primeiro, depois veio à venda? Ou veio à venda primeiro, depois você pensou à arte?

Karina Machado: A segunda opção, porque eu vou falar, eu nunca fui em uma escola na minha vida, você sabe, porque eu já te contei. E a minha família sempre foi muito humilde, muito pobre. E eu tinha que ajudar meus pais, eu não tinha opção, eu não tinha opção nem de estudar, muito menos de fazer o que eu queria. Tanto que seguir o caminho da arte, desde criança, foi sempre desaprovado pelos meus pais. Então, em vez de não ter apoio nenhum, eu até recebi o negativo disso.

Então, eu tinha que ajudar meus pais, como? Meus pais, eles sempre foram mascates, eles sempre vendiam bem antes de eu nascer. Meu pai, ele trabalhou com inúmeras vendas diferentes. Ele já trabalhou com venda de relógio, venda de fita de música, acho que de fita de música foi a que ele mais durou tempo, assim, mas vendia várias coisas. Inclusive, quando eu nasci, nossa, eu vendi tanta coisa, CD e DVD, fruta, balde, meia, roupa. Eu já vendi muitas coisas.

Jek Sousa: Como é o público que você trabalha?

Karina Machado: Eu posso dizer que a faixa etária dos meus clientes são bem adultas, eu posso dizer assim. Raramente era alguém ali novinho e tal. Eram pessoas assim com bons empregos e no final do dia queriam fazer um RPG, ou simplesmente por causa do colecionismo, de colecionar o personagem que ele criou em vários traços diferentes, de vários artistas diferentes, como se fosse figurinha. Então, cada cliente tinha uma missão diferente, como se fosse assim, uma coisa diferente. As vezes... Assim, foram trabalhos mais adultos, picantes, como se fosse dizer, eu quero ver tal cena ali com o meu personagem ali e tal. E não, eu quero às vezes só para fazer adesivos para o meu livro. São sempre de uso próprio.

Jek Sousa: O que te fez trabalhar para fora do Brasil?

Karina Machado: O que me fez falar, não, eu vou para a gringa, ter esse impulso, esse pontapé. Foi um dia que eu abri Comissions, falei, Comissions Open, né? Aqui Comissions abertas, expliquei ali para o pessoal, aqui no Brasil, no meu Facebook. Aí veio um cara falando como é que funciona? Você faz qualquer coisa? Aí eu já achei estranho, falei, putz, posso pressentir o perigo e o caos, né? Aí ele foi e falou, “ah, você abre a câmera e dança para mim”, eu tenho os prints até hoje, faz umas coisas, aí ele falou por mil e duzentos reais. Aí eu, putz, o cara está ostentando ainda com salário-mínimo, cara. Sai fora, pelo amor de Deus. Mas isso.

Jek Sousa: Isso era no Brasil.

Karina Machado: No Brasil, esse manolo veio no privado com as ideias assim furadas, achando que eu sou a mina do job ali, que vou abrir a cangirl ali e dançar a desprovida de vestimentas. O pessoal que ajuda a sua arte também são artistas geralmente.

As pessoas aqui no Brasil que pagaram pelo meu trabalho eram artistas também.

Jek Sousa: É arte por amor?

Karina Machado: Por amor é foda hahahah? Olha, eu diria que tipo assim, eu não faço a arte por amor, eu comecei por necessidade, necessidade, primeira necessidade de continuar existindo como ser humano.

Jek Sousa: Você tem um estilo próprio, ou você é mais generalista? Porque eu sei que os ilustradores têm aqueles que são generalistas, desenham de tudo um pouco, e tem aqueles ilustradores que são os especialistas. Tipo, ele não vai desenhar bem um carro, mas ele é ótimo em desenhar dragões.

Então, se eu precisar de um dragão um dia, eu vou contratar aquele cara. E também tem os estilos, né? Mais cartoon, mais manga, mais HQ, como você vê o seu estilo?

Karina Machado: É uma frase que eu escuto desde criança, principalmente como eu falei, que eu precisava vender, e outra, a minha família, ela precisava de fazer as coisas acontecerem, a gente não tinha dinheiro. Então, meu pai, ele era o arquiteto da casa, ele desenhava no chão, com bloco, e a gente era os serventes, então eu perdi as contas de quantas lajes eu ajudei a bater, quantas paredes eu ajudei a erguer. Então, eu tive que ser pedreiro nos casos, ajudante ali de mecânica, é tudo. Então, a gente tem que ser um pau para toda a obra.

Então, no ramo de ilustração, se você quiser ganhar dinheiro, óbvio que tem os ilustradores que são mais assim, mas principalmente no começo, e se você quer ganhar dinheiro, você vai ter que aceitar ser mais abrangente no seu traço, vai ter gente que vai chegar para você e falar, ah, eu quero que você faça o seu desenho aqui, mas no traço desse cara aqui, você consegue? Se você não conseguir, você vai perder a vaga, é simples assim. Então, ou você aprende outros estilos ali, um cartum, um chib, o chib, na minha área ali, ele é bem requisitado e tem outros preços, tem gente que só desenha background também, que são paisagens, né? Então, você tem que saber um pouco de tudo. Se você quiser ganhar dinheiro, claro que você pode se especializar em alguma coisa, mas eu diria que se você quiser ganhar dinheiro, você tem que ser um pau para toda a obra. Então, eu não diria que eu tenha um estilo próprio, mas para mim, quando eu tenho tentado desenhar as minhas coisas, eu quero desenhar algo mais puxado para o semi-realista ali, para o mangá, sabe? Para o traço asiático, para o...

Jek Sousa: Estilizado ?

Karina Machado: Isso, isso, exatamente. Esse é o traço que eu gosto.

Não diria que eu tenho isso ainda porque eu tenho que estudar mais. Mas é isso que eu gosto. Pra mim é o que eu gostaria de fazer. Isso, no meu trabalho, eu tento ser generalista para um bem puro amor monetário.

Jek Sousa: Você tinha dito sobre a escola, e eu queria entender um pouco isso. Porque eu fiquei sabendo na questão da escola, foi quando a gente estava jantando lá naquele dia daquele rolê.

Karina Machado: Depois da POC, POC Fest, que a gente tava lá na mesa?

Jek Sousa: E aí foi que o rapaz tinha me contado, o que foi uma surpresa, porque até então eu não sabia. E assim, mas você...não frequentou a escola? Em algum momento você frequentou?

Karina Machado: Não, nunca aconteceu, nunca, nunca, nunca. A única vez que eu entrei em uma escola foi pra voltar pela primeira vez ali, quando eu fiz já a maioridade, né? Então, primeiro que a minha família não é que a gente era pobre, a gente era miserável mesmo, então, tipo assim, eu tinha que ajudar. Então, a primeira é, meus pais precisavam de mim, e a segunda é que tipo assim, a escola que tinha, na época que eu era criança, aqui em Salto, Salto já foi a cidade mais perigosa aqui de São Paulo, né? E aconteceu até o escândalo de assassinato do lado de uma das poucas escolas que tinha, um dos assassinatos assim, muito brutal mesmo, sabe? Então, aquela escola, a escola que as minhas tias começaram a frequentar, não era um bom lugar. E meu pai também tinha um pouco de medo de receio de colocar a gente em um lugar que a gente não vai de fato, aprender alguma coisa. A gente vai meio que se corromper pelo lugar ali, porque ele viu isso acontecer com as minhas tias.

E meu pai também não tinha dinheiro pra comprar material, esse tipo de coisa. Meu pai abandonou a escola, eu me esqueci em qual estágio. Mas ele pensou assim, ó, ler, escrever, eu posso ensinar. O meu pai é uma pessoa muito inteligente, ignorante em outros fatores, mais inteligente outro. O meu pai, ele sabe mexer com o motor de carro, ele desmonta, ele monta, ele consegue fazer tudo funcionar. Diariamente, ele fica rondando o lugar, procurando coisas pra ele consertar. Eu diria que é uma forma, analisando o meu pai, de se sentir útil e fazer as coisas funcionar. Mas ele, como eu disse, ele fez várias casas, até quando era novo pra minha vó, pra

eles morar. E ele mudava e tinha que fazer de novo. Pegou uma máquina de solda e foi aprender como uma máquina funciona, começou a soldar as coisas, fez balanço de ferro, fez pontes de água, ele fez casinhas de madeira. Então, meu pai, ele tem altas habilidades práticas, principalmente com as mãos. Mas, ao mesmo tempo teve esse preconceito, por exemplo, “deixa essa arte aí de lado, isso não traz nada de importante, você é ruim”. Não se vendia, eles não via isso, tanto que, “como assim você vai vender desenho pela internet?”. E eu consegui.

É uma coisa aí que o meu pai até falou, é, eu mordi a minha língua, não sabia que isso era possível na minha época, não existia isso. Nossa, foi bem difícil pra falar a verdade, porque foi bem... Foi bem total agressivo isso, porque “ó filha, não faz isso não. Você vai enfrentar dificuldades, você vai quebrar a cara e tal”, né? Mas, tipo, foi bem agressivo mesmo, os meus pais nesse ponto. Tipo, mais do meu pai, eu ganhei a minha primeira competição de desenho, assim que eu tinha decidido que eu ia investir mais nessa carreira, comprar mais material e treinar. E eu ouvi, tipo, “nossa, você é uma fracassada, você nunca vai ganhar nada na vida, por que você está feliz com essa porcaria?”. Então, eu escutei várias coisas, tipo, fazer um desenho assim, gostar do desenho e ele falou, “por que você não jogou fora ainda essa porcaria? Sabe, tá ruim”. Então, eu não tive apoio, eu não tive apoio.

O único apoio que eu tive, dentro de casa, foi da minha irmã, porque ela também desenhava e vê ela desenhar fazia eu querer desenhar também. E eu não tinha lugares externos pra mim.

Jek Sousa: Como entra a comunidade Furry nessa historia ?

Karina Machado: Comunidade Furry, ela é um tipo de abrigo. Tá lá um marmanjo, um médico, o cara que trabalha ali de aviação, eles têm uma profissão boa a maioria, eles têm dinheiro uma boa parte, eles vão para o dia e querem brincar de RPG com o personagem dele, então eles vão lá, e lá ele pode ser gay, ele pode ser trans, ele é desse jeito, pra você ter uma ideia, pessoas trans, elas se identificam com animais que não têm genitálias expostas, geralmente peixes ou aves.

Jek Sousa: Qual o conselho você teria para quem está começando agora?

Karina Machado: Rapaz, eu teria dois. O primeiro é sobre... Apoio. Nem sempre vai ser aquela coisa convencional. Você vai ter amigos que vai falar coisas boas ou pais ou quem está em volta. E eu não tive um círculo de amizade como você sabe, eu não tive acesso à internet, eu continuei fazendo ali o negócio. E veja, se você não tem a saúde mental e você tá começando e você vai postar na internet, você tem que rever duas vezes porque nem sempre você vai ter a maturidade pra você filtrar o que você pode usar e o que você não pode.

Uma pessoa pode dar um comentário construtivo. O que é bem diferente de alguém chegar e falar nossa, que arte porca você não sabe fazer. Então isso não vai mudar em nada, não vai agregar em nada. Mas às vezes até quem tem uma cabeça boa e vê esse tipo de coisa acontecendo, porque não vai às vezes ser uma pessoa, vai ser várias, com quem tá. Igual eu já vi assim na rede social e o cara tá lá começando e enxurrada ali, um linchamento virtual. Como é que fica a cabeça desse mano? Mesmo tendo a cabeça boa, não vai ficar legal. Então tipo, reveja primeiramente quem vai ver a arte, se é algum professor, até que não seja de arte. Mas é uma pessoa confiável, é o que importa. Então tenta filtrar ali, e se você não tiver ninguém, tenta manter ali em segredo. Veja ali hoje quem tem internet, alguma personalidade, alguém que desenha, acompanha as lives, tenta continuar com alguma fonte de inspiração pra você não desistir.

Jek Sousa: Você tem alguma fonte de inspiração?

Karina Machado: Hoje em dia?

Jek Sousa: Alguém que você olha e fala, caraca, que pessoa foda, vou seguir ela, vou aprender com ela aqui algumas coisas.

Karina Machado: Olha, isso tem, a Sula Moon, tem a Sonia Shirubana, que são do Futago Studio, elas trouxeram o primeiro yaoi brasileiro daqui, elas são pioneiras. Até quando não existia internet, elas colocava os desenhos delas em revistinhas, ganharam competição e elas desenham muito bem, mesmo para um nível assim brasileiro ou até internacional.

Até achei que a arte delas fosse gringa, na verdade, a gente tem pensamento. Mas eu me cerquei de pessoas com as lives e certos amigos que, eu quando vejo as artes deles postados no geral, até você mesmo, não tem como dizer que não é inspirador, sabe? Você olhar, você chegar na sua rede social, você ver quem você papeia, em volta, postando a arte. Isso é inspirador. Então eu me cerquei de pessoas que, apesar de não conversar todo dia, isso também me inspira. Então são várias fontes. Tem essas pessoas que eu sigo como inspiração. Tem também esses artistas que às vezes até eu me esqueço de dar like à alguns trabalhos. Mas também tem esse sonho que eu falei antes, que me mantém viva.

Eu acho que é essa principal de todas, mesmo. Mas tem toda essa coisa que eu não tive no passado, e isso faz uma grande diferença. Então se cerquem de pessoas que vão te levantar, pra baixo, já a gravidade. Não precisa de mais gente, tá? Então essa é a primeira. E a segunda é que desenhar todo mundo já fez uma vez na vida. Seja quando você era criança, deu ali o guache Giotto pra você desenhar ou alguma coisa assim. E o estranho é que nem é todo mundo que continua nisso. Nem como hobby, às vezes. Mas é algo que você fez em algum momento da sua vida. Mas teve as pessoas que elas tentaram e pararam. E acharam que aquilo não é pra elas. E aqui vai a segunda dica. Às vezes as pessoas têm vários nomes pra mesma coisa. Falta de inspiração, bloqueio criativo. E o que elas não sabem é que a maioria das pessoas elas param de desenhar quando a inspiração some. Porque elas já não têm uma experiência, porque ela tá começando. E então, quando a inspiração some, que não é a inspiração, ela fez até algo que ela gostou, ela acha que isso não é pra ela. Isso é uma perda de tempo, realmente não dá dinheiro, e ela para.

Só que a pessoa que é um profissional ou é alguém que tá bem avançado na arte, ela também tem o mesmo problema, da falta de inspiração. Só que ela continua e até na falta de inspiração faz um bom trabalho. Porque na falta da inspiração, essa lacuna é preenchida com o que ela sabe. Os exercícios que ela praticou, a experiência dela.

Jek Sousa: O Repertório neh?

Karina Machado: Exatamente. Então, a pessoa que ela é profissional e ela tá inspirada, ela vai fazer um desenho incrivelmente top, né? Só que sem inspiração, ela vai continuar fazendo algo decente. Só que, talvez, não tão descente quanto aquilo. Mas aí que tá, a inspiração é uma onda que vai e vem e a gente tem que ser persistente quando ela não veio.

E isso tem toda uma explicação psicológica? Que eu talvez demoraria um pouco pra explicar. Talvez outra oportunidade, mas é quando o cérebro sabe as áreas da... Como posso dizer, da criatividade, trabalham com outras áreas junto e todas elas trabalham junto e isso a gente chama de inspiração. Aí, quando a gente tá cansado, a gente tá chateado, a minha inspiração se vai, o cérebro, ele meio que dá uma dormida ali falando de forma bem simplória, dá uma descansada e nosso poder atirado de nós, vamos se dizer assim. Mas então é isso, se você é inexperiente e você sente que naquele momento não tá fazendo nada de bom, tem em mente que você preencher isso com estudo e preenchendo isso você vai conseguir continuar do mesmo jeito sem inspiração um dia se você persistir.

Então, essas são as minhas duas últimas dicas que eu gostaria de ter ouvido quando eu era uma jovem gafanhoto. Então, é isso aí.